



Ciência e cultura, coleções e museus: olhares sobre um «Portugal e a cultura europeia», no século XX...

Autor(es): Nunes, Maria de Fátima

Publicado por: Imprensa da Universidade de Coimbra

URL persistente: URI:<http://hdl.handle.net/10316.2/40220>

DOI: DOI:https://doi.org/10.14195/2183-8925_34_11

Accessed : 25-Jan-2017 11:21:28

A navegação consulta e descarregamento dos títulos inseridos nas Bibliotecas Digitais UC Digitalis, UC Pombalina e UC Impactum, pressupõem a aceitação plena e sem reservas dos Termos e Condições de Uso destas Bibliotecas Digitais, disponíveis em <https://digitalis.uc.pt/pt-pt/termos>.

Conforme exposto nos referidos Termos e Condições de Uso, o descarregamento de títulos de acesso restrito requer uma licença válida de autorização devendo o utilizador aceder ao(s) documento(s) a partir de um endereço de IP da instituição detentora da supramencionada licença.

Ao utilizador é apenas permitido o descarregamento para uso pessoal, pelo que o emprego do(s) título(s) descarregado(s) para outro fim, designadamente comercial, carece de autorização do respetivo autor ou editor da obra.

Na medida em que todas as obras da UC Digitalis se encontram protegidas pelo Código do Direito de Autor e Direitos Conexos e demais legislação aplicável, toda a cópia, parcial ou total, deste documento, nos casos em que é legalmente admitida, deverá conter ou fazer-se acompanhar por este aviso.

REVISTA DE
HISTÓRIA
DAS IDEIAS



VOLUME 34. 2.^a SÉRIE - 2016

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

**CIÊNCIA E CULTURA, COLEÇÕES E MUSEUS: OLHARES SOBRE
UM «PORTUGAL E A CULTURA EUROPEIA», NO SÉCULO XX...
SCIENCE AND CULTURE, COLLECTIONS AND MUSEUMS: A
NEW PERSPECTIVE ON «PORTUGAL AND THE EUROPEAN
CULTURE», IN THE 20TH CENTURY...**

MARIA DE FÁTIMA NUNES
mfn@uevora.pt
Universidade de Évora/IHC-CEHFCi_U.E

Texto recebido em / Text submitted on: 30/06/2016

Texto aprovado em / Text approved on: 2/9/2016

Resumo:

Sob o signo de «Portugal e a cultura europeia», no século XX, faz-se uma incursão pela história da cultura científica que agrega Congressos científicos, Museus de História Natural e Coleções como cultura material. Artur Ricardo Jorge (1886-1972), naturalista e diretor do Museu Bocage em Lisboa, assume neste estudo o papel de protagonista para seguir o debate sobre o papel dos Museus de História Natural na política científica, na investigação e na educação científica. Um estudo de caso que permite confirmar uma agenda de história das práticas científicas e culturais sobre a participação de Portugal nas redes internacionais de troca de conhecimentos e de circulação científica, neste caso de Naturalistas / Zoologia, no período do Estado Novo.

Palavras-chave:

Cultura Científica Contemporânea, História da Ciência, Congressos, Artur Ricardo Jorge, Estado Novo.

Abstract:

Under the label «Portugal and the European culture» in the 20th century, it carried out an essay into the history of scientific culture played as scientific Congress, Natural History Museums and Collections. Artur Jorge Ricardo (1886-1972), naturalist and director of the Lisbon Bocage Museum assumes in this study the role of the leading actor to follow the Portuguese debate on Natural History Museum's role into science policy, into the laboratory research and its relationship with scientific education. A case study that confirms the research agenda of the history of scientific and cultural practices on the Portuguese participation in international networks for the exchange and circulation of knowledge, in this case Naturalists / Zoology, during the period of the Estado Novo (New State).

Keywords:

Contemporary Scientific Culture, History of Science, Congress, Artur Ricardo Jorge, New State.

Reler o texto matricial de Silva Dias, «Portugal e a Cultura Europeia» publicado nos anos cinquenta do século XX, na revista *Biblos*⁽¹⁾, convoca-nos para um desafio sobre olhares culturais onde cabem «espíões, mareantes e homens de negócios» acompanhados de «turistas e letrados». Estudava-se a época do «zénite dos Descobrimentos», Silva Dias procurava abrir caminhos de investigação para o pensar e investigar os meandros da história da cultura em Portugal, tendo como horizontes territórios mentais e culturais que se situavam para «além da cordilheira dos Pirenéus».

No início da década de oitenta do século XX tivemos o privilégio, de ter sido discípula do Professor Silva Dias, em Lisboa, na urbe de um Tejo imenso que sempre o encantava, facto que nos legou um escol historiográfico de vários matizes. O mais importante foi o seu grau de exigência e a sua capacidade de nos colocar a rodar em outros caminhos, em outros domínios da vasta oficina de fazer história. Silva Dias abriu-nos o espírito, e o ânimo, para traços da contemporaneidade da história da cultura em Portugal – sempre em contexto internacional – que nos fizeram descobrir elos de travejamento cultural e mental entre história & ciência para chegar ao entendimento público de políticas científicas, de inovações culturais, de reformas e utopias que se compaginavam em

(1) José Sebastião da Silva Dias, «Portugal e a Cultura Europeia (sécs. XVI a XVIII)», *Biblos*, 28 (1952), p. 20-498.

textos, em memórias de instituições, em atores com perfis polifacetados, no âmbito de prática de investigação decorrente de uma unidade do I.N.I.C – Centro de História da Cultura – FCSH-UNL⁽²⁾.

Lembrar as conversas abertas e densas de Silva Dias é recordar os textos de Rómulo de Carvalho sobre história do Gabinete de Física do Real Colégio dos Nobres, ou a síntese sobre a História Natural. Foi pela sua mão (por vezes invisível) que nos encontramos com Fernando Bragança Gil, quando diretor do Museu de Ciência, na Rua da Escola Politécnica de Lisboa⁽³⁾. Pouco a pouco fui assumindo a história da cultura como também uma história da cultura científica de Portugal na Europa, no contexto internacional em que o retângulo peninsular se procurava inserir na modernidade da Revolução Newtoniana⁽⁴⁾.

Em novos contextos, os do final de século XIX e do século XX, voltou a fazer sentido pensar, em «espíões, turistas, letrados» que agora tinham a configuração profissional de cientistas, de membros de instituições científicas – Universidades, Escolas Politécnicas, Associações, Sociedades Científicas – que viajavam pela Europa e pelo Mundo, atores protagonistas da circulação de conhecimento, responsáveis pelas trocas de ideias e de uma cultura material que passou a fazer parte da cultura científica e letrada. Assim, Museus científicos, coleções, congressos, atores, instituições científicas, viagens e divulgação do conhecimento passaram a integrar uma agenda de investigação que partilhamos e que tem o toque mágico e multiplicador do saber vivencialmente apreendido com o Professor Silva Dias.

Pretende-se neste texto efetuar a exegese de «viagem científica» a propósito da prática científica e académica do naturalista Artur Ricardo Jorge (1886-1972)⁽⁵⁾. Inserindo esta proposta de análise na história de

(2) Hoje, com o distanciamento temporal, consideramos que ter feito tese de Mestrado sobre um liberal cientista e político, (Marino Miguel Franzini, nos anos oitenta do século XX completamente desvalorizado) deixou marcas profundas na forma como ao longo da vida gerei agendas de investigação e procurei deixar marcas nos meus estudantes de mestrado, de doutoramento e de pós-doc. Cf. Maria de Fátima Nunes, *O Liberalismo português: ideários e ciências - O Universo de Marino Miguel Franzini (1800-1860)*, Lisboa, Ed. I.N.I.C. (1), Centro de História da Cultura, 1986.

(3) Este espaço da Rua da Escola Politécnica de Lisboa – situada na Colina da Ciência da capital – está inserido no complexo científico e Museológico da Universidade de Lisboa: Museu Nacional de História Natural e da Ciência da U. Lisboa (MUHNAC-UL).

(4) Cf. Fernando Clara e Cláudia Ninhos, (eds.) *A Angústia da Influência. Política, Cultura e Ciência nas relações da Alemanha com a Europa do Sul, 1933-1945*, Frankfurt and Main, E. Peter Lang, 2014.

(5) Carlos Almaça, «Artur Ricardo Jorge (1886-1872): reorganização científica e pedagógica do Museu Bocage», in Ana Simões (coord.), *Memórias de professores cientistas*, Lisboa, Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, 2001, p. 27-33.

práticas científicas e culturais em Portugal no período entre guerras do século XX, em olhar de europeização e de internacionalização⁽⁶⁾, usando como veículo de análise as dinâmicas científicas e culturais decorrentes da capacidade de atrair e dinamizar Congressos científicos em território nacional, a par das missões de estudo levadas ao exterior para observar a modernidade da Europa e da América no que diz respeito ao papel dos Museus de História Natural e das suas coleções científicas. É nesta teia que a figura de Ricardo Jorge nos serve de suporte de investigação e de fio condutor, num triângulo de práticas internacionais que tiveram como epicentro de observação, e de debate de política científica nacional, o XII Congresso Internacional do IX Zoologia (1935)⁽⁷⁾, realizado em Lisboa na Faculdade de Ciências de Lisboa; o relatório sobre Museus de História Natural apresentado ao I Congresso Nacional de Ciências Naturais (1941)⁽⁸⁾; a Oração de Sapiência da abertura solene do ano letivo da Universidade Clássica de Lisboa, em 1952⁽⁹⁾, publicada em 1953, exatamente o ano em que Silva Dias fez publicar o seu estudo de «Portugal e a cultura europeia» na *Biblos*, em Coimbra.

Textos que inserem um conjunto de reflexões teóricas e de prática de investigação de história da ciência, em contexto de ciências sociais e humanas. Destaquemos em primeiro lugar, a importância de seguir a pegada científica e cultural de Congressos científicos internacionais, mecanismo que permite entender circuitos de comunicação e de navegação de uma comunidade profissional que se desloca periodicamente em formato de parlamentos científicos ambulantes, a par, por vezes, das Exposições Universais ou mesmo a ritualização de Jogos

(6) Cf. Quintino Lopes, *A Junta de Educação Nacional (1929/36): traços de europeização na investigação científica em Portugal*, Tese de Doutoramento História e Filosofia da Ciência, Universidade de Évora, 2016 (orientadora Maria de Fátima Nunes).

(7) *XII Congrès International de Zoologie tenu à Lisbonne du 15 au 21 Septembre 1935. Comptes Rendus publiés sous la direction du Président du congrès, Prof. Arthur Ricardo Jorge*, 3 vols., Lisboa, Oficinas Gráficas Casa Portuguesa, 1936.

(8) Arthur Ricardo Jorge, *Museus de História Natural. Relatório apresentado ao I Congresso Nacional de Ciências Naturais na sua VI Sessão Plenária, em 11 de Junho de 1941*, Lisboa, Oficinas Gráficas Casa Portuguesa, 1943.

(9) Artur Ricardo Jorge, *A dupla missão - científica e cultural - dos Museus de História Natural, à luz da Biologia e da Museologia modernas. Oração de Sapiência, proferida na abertura solene da Universidade Clássica de Lisboa, em 16 de Outubro de 1953*, Lisboa, Oficinas Gráficas Casa Portuguesa, 1953.

Olímpicos⁽¹⁰⁾. Sinais claros da modernidade e de contemporaneidade do nosso tempo global, mas que foram pouco a pouco emergindo de um século XIX cultural, nacionalista vs. internacionalista, de crença no cientismo e na afirmação profissional da ciência e dos seus praticantes⁽¹¹⁾. Os Congressos internacionais foram – são ainda – montras interculturais desse movimento científico e de alterações de paradigmas qualitativos das ciências, nomeadamente o papel que as coleções científicas podem ter em novos agendamentos de história da cultura material científica⁽¹²⁾. Lembramos que trabalhar o internacionalismo científico, os Congressos, as redes políticas e científicas nos séculos XIX ao XXI, permite enquadrar a vertente internacional de Portugal, na dimensão histórica dos séculos XIX e XX. Relembra-se a internacionalização e as sociabilidades científicas de vários saberes; o mapeamento das áreas e dos países com os quais Portugal se relacionou cientificamente; fator de progresso e de renovação das cidades; as conferências internacionais e nacionais nos quais Portugal se projeta para a Europa, englobando territórios de África. Por fim, entender a importância estratégica do Atlântico como placa de circulação e de trocas de conhecimentos⁽¹³⁾ e da ação de diferentes atores do conhecimento: os protagonistas⁽¹⁴⁾, mas também, os invisíveis⁽¹⁵⁾.

(10) Cf. Maria de Fátima Nunes, «Congressos internacionais: práticas científicas e culturais», in I. Malaquias, A. Andrade, V. Bonifácio e H. Malonek (eds.), *Perspectivas sobre Construir Ciência – Construir o Mundo*, Aveiro, Universidade de Aveiro, 2015, p. 11-17.

(11) Catarina Madruga, «O Museu Nacional de Lisboa como Centro e como Periferia», in Alice Santiago Faria, Pedro M. P. Raposo (eds.), *Mobilidade e circulação: perspectivas em História da Ciência e da Tecnologia*, Lisboa, CIUHCT/CHAM, p. 35-41; Catarina Madruga, *José Vicente Barbosa du Bocage (1823-1907). A construção de uma Persona Científica*, Dissertação de Mestrado em História e Filosofia das Ciências, Lisboa, Faculdade de Ciências, Universidade de Lisboa, 2013.

(12) Cf. Maria Margaret Lopes e Magali Romero Sá, «A Museum in the Heart of Amazonia: One Man's Laboratory», *Museum History Journal*, 9, n° 1, (January 2016), p. 77-92.

(13) Magali Romero Sá e André Filipe Cândido da Silva, «Citizens of the Their Reich in the Tropics: German Scientific Expeditions to Brazil under the Vargas Regime, 1933-40», in Fernando Clara e Claudia Ninhos (eds.), *Nazi German and Southern Europe, 1933-45. Science, Culture and Politics*, London, Palgrave, 2016, p. 231-255.

(14) Irina Podgorny and Maria Margaret Lopes, «Filling in the Picture: Nineteenth-Century Museums in Spanish and Portuguese America», *Museum History Journal*, 9, n° 1, (January 2016), p. 3-12.

(15) Para a temática de atores invisíveis, museus e coleções ver recente dossier de Maria Margaret Lopes (coord.), «Gender, Collecting Practices, Museums», *HoST - Journal of History of Science and Technology*, Volume 10, Issue 1 (Jun 2016) [journal on line: <http://www.degruyter.com/view/j/host.2016.10.issue-1/issue-files/host.2016.10.issue-1.xml?rskey=0FKkUN&result=2>

Em síntese, almejamos indicar o esteio de uma nova geração de investigadores que tem alimentado com estudos de timbre internacional esta agenda que temos vindo a construir. Graças a teses de Mestrado e de Doutoramento recentes que o nosso foco em Artur Ricardo Jorge se tornou mais iluminado, mais permeável a interpretações que procuram ir ao encontro de «espaços e temas de afetividade científica» pessoal que se cruzam no quotidiano do fazer história da cultura científica. Neste *zoom* de abordagem uma nota especial para as teses de Ana Rita Saldanha⁽¹⁶⁾ e de Luís Ceríaco⁽¹⁷⁾, ambos deram um contributo inestimável para nos situarmos no contexto de Museu de História Natural e Artur Ricardo Jorge / cultura científica / cultura europeia de século XX.

1. Artur Ricardo Jorge – a consagração científica de 1935

Artur Ricardo Jorge (1886-1974) filho do médico higienista Ricardo Jorge (1858-1939), formou-se em Medicina na Escola Médico Cirúrgica de Lisboa (1904-1909), tendo frequentado posteriormente o curso de Botânica do Prof. Chodat na Universidade de Genève; a partir de 1927 apresenta na sua afiliação científica e profissional as seguintes designações: Diretor do Museu Bocage, Professor e Naturalista, cargos que manteve até à sua jubilação em 1956. No arquivo histórico do seu local de trabalho – o Museu Bocage – encontra-se o seguinte depoimento: «Inteligente e empreendedor, o Prof. Doutor Artur Ricardo Jorge, empenhou desde o início da sua direcção do Museu Bocage, todos os esforços para a renovação do Museu, superando dificuldades, algumas de ordem financeira, até que conseguiu com a sua perseverança e energia, que o Museu reabrisse em 1952...»⁽¹⁸⁾.

(16) Ana Rita Saldanha, *Práticas, redes e produções científicas dos naturalistas do Museu Bocage na Europa entre guerras (1914-1945). O património documental do Arquivo MUHNAC_UL*, Mestrado em Gestão e Valorização do Património Histórico e Cultural, Ramo Património Científico, Tecnológico e Industrial, Relatório de Estágio, Universidade de Évora, 2014 (orientadores: Maria de Fátima Nunes e José Pedro Sousa Dias)

(17) Luís Ceríaco, *A Evolução da Zoologia e dos Museus de História Natural em Portugal*. Tese de Doutoramento em História e Filosofia da Ciência, Especialidade Museologia, Universidade de Évora, 2014 (orientadores João Brigola e Paulo Oliveira).

(18) AHMUL-MUHNAC Correspondência. Espólio Artur Ricardo Jorge, cx. 001.04. Cf. para mais detalhes Ana Rita Saldanha, *Práticas, redes...*, cit., p. 27-29

Em 1935 realizou-se em Lisboa o XII Congresso Internacional de Zoologia, ao qual acorreram trezentos e seis participantes/ comunicantes vindos da Europa, da Ásia (especial destaque para o Japão), da América (Norte e Sul), das colónias africanas para além dos representantes das instituições científicas de todo o mundo que acorreram à semana do Congresso Internacional de Zoologia de Lisboa. Evento que mobilizou as altas esferas do Estado português que reproduziu a ritualização do poder de ciência – poder político – projeção ideológica e formas de diplomacia cultural. Relembremos que desde o século XIX a Europa e o Novo Mundo participavam nestas encenações ritualizadas. Portugal inseria-se no caldo científico-cultural-diplomático do contexto internacional⁽¹⁹⁾. Observemos, agora, com algum detalhe para a lista do Comité do Congresso⁽²⁰⁾. À cabeça encontrava-se o Presidente da República (Óscar Carmona) imediatamente seguido pelo Presidente do Conselho (António de Oliveira Salazar). Por sua vez Salazar encabeça a Comissão de Honra onde se encontravam os ministros cujas pastas se cruzavam temática ou politicamente com o tema do Congresso. Assim, nesta Comissão figuravam o Ministro da Instrução Pública (Eusébio Tamagnini), o Ministro da Marinha (Aníbal Mesquita Monteiro), o Ministro dos Negócios Estrangeiro (Armindo Rodrigues Monteiro), o Ministro das Colónias (José Silvestre Ferreira Bessa), o Ministro da Agricultura (Rafael da Silva Neves Duque).

No quadro do poder académico e científico encontramos o Diretor Geral do Ensino Superior (João Pereira Dias), o Diretor Geral do Ensino Técnico (Francisco Nobre Guedes), o Presidente da Junta de Educação Nacional (Celestino da Costa), assim como o Presidente da Academia

(19) Maria de Fátima Nunes, «Cientistas em acção: congressos, práticas culturais e científicas (1910-1940)», in Vitor Neto (ed.), *República, Universidade e Academia*, Coimbra, Ed. U. Coimbra, 2012, p. 291-312.

(20) Seguindo as páginas informativas do *Comptes Rendus* a este comité de personalidades de Estado português somavam-se outros comités. Sob o alto Patrocínio do Presidente da República abria-se um leque de variados comités funcionais que tinham que assegurar toda a parte logística e organizativa do Congresso. O Comité de Organização Português – presidido por Artur Ricardo Jorge – contava com doze vice-Presidentes, dezassete Secretários e um Tesoureiro. Membros da Comissão Organizadora eram trinta e sete – entre os quais Ricardo Jorge, pai do Presidente do Congresso; a logística organizativa desdobrava-se ainda pela existência de Comité Executivo, Comité de Damas, Comité de Auxílio todos eles contando com quinze – dezoito elementos. Paralelamente encontravam-se os Comités Científicos com diferentes Presidente, Vice-Presidentes e Membros nas diferentes secções temáticas onde encontramos os zoólogos internacionais que se descolaram a Lisboa, parte da rede internacional de Zoologia que se vinha tecendo desde Paris, em 1889.

das Ciências de Lisboa (Júlio Dantas), o Reitor da Universidade de Lisboa (José Caeiro da Mata), o Reitor da Universidade Técnica de Lisboa (João Alberto de Azevedo Neves), o Reitor da Universidade de Coimbra (João Duarte de Oliveira) e o Reitor da Universidade do Porto (José Pereira Salgado). Por fim, como anfitrião da cidade que acolhia os congressistas, o Presidente da Câmara Municipal de Lisboa (Daniel Rodrigues de Sousa)⁽²¹⁾.

A síntese publicada, em duzentas e vinte e duas páginas, em língua francesa, com excertos das sessões de abertura e de encerramento em alemão e inglês, sob organização direta de Artur Ricardo Jorge, permitenos ter uma visão sobre a complexidade científica, a sociabilidade cultural e a representação do Estado português face à comunidade de naturalistas em Portugal que discutiram Zoologia, durante uma semana. O modelo organizativo decerto obedeceu à longa genealogia de Congressos Internacionais de Zoologia, cuja origem remonta ao ano do primeiro centenário da Revolução Francesa, no espaço da Exposição Universal de Paris de 1889. Diríamos que até chegar a Lisboa a comunidade científica de História Natural – Zoologia percorreu um longo périplo geográfico. Vejamos a sequência cronológica dos «Congrès Internationaux de Zoologie»⁽²²⁾.

Congrès International de Zoologie	Data	Cidade	President
I Congrès International de Zoologie	1889	Paris	A. Mille Edwards
II Congrès International de Zoologie	1892	Moscovo	P. Kapinist
III Congrès International de Zoologie	1895	Leyde	F. A. Jentink
IV Congrès International de Zoologie	1898	Cambridge	J. Lubbock
V Congrès International de Zoologie	1901	Berlim	K. Mobius

(21) Cf. *XII Congrès International de Zoologie, tenu à Lisbonne du 15 au 21 de Septembre 1935, compte rendu publié sous la direction du Président du Congrès Prof. Arthur Ricardo Jorge. Extrait des comptes rendus du XII congrès international de Zoologie – Lisbonne 1935*, Lisboa, Casa Portuguesa, 1936, p. 10-12.

(22) Anotemos que para a «glorificação científica» de Ricardo Jorge contribuiu, talvez, o facto de em 1935 todos os presidentes dos Congressos anteriores já terem perecido, registe-se o recente desaparecimento de Paolo Enriques em 1932. [1878-1932].

VI Congrès International de Zoologie	1904	Berna	T. Studer
VII Congrès International de Zoologie	1907	Boston	A. Agassiz
VIII Congrès International de Zoologie	1910	Graz	L. Graff
IX Congrès International de Zoologie	1913	Mónaco	Prince Albert I
	Interregno provocado pelos efeitos da Grande Guerra		
X Congrès International de Zoologie	1927	Budapeste	G. Horváth
XI Congrès International de Zoologie	1930	Pádua	P. Enriques
XII Congrès International de Zoologie	1935	Lisboa	Artur Ricardo Jorge

Quadro 1 – Sequência cronológica dos Congressos Internacionais de Zoologia, elaborado a partir das informações contidas no *Compte Rendu* do XII Congresso Internacional de Zoologia.

Seguindo a investigação no Arquivo do MUHNAC-UL temos dados que nos permitem entender o facto de Artur Ricardo Jorge ter atingido a sua consagração de capital científico de naturalista-zoólogo, no plano internacional. Na narrativa da memória do Arquivo que contempla o Congresso de 1935 podemos resgatar sinais claros dessa consagração.

Em Pádua, no contexto do XI Congresso Internacional de Zoologia, em 1930, Artur Ricardo Jorge aceitou ao convite para estar presente entre 4 e 10 de setembro na cidade italiana, onde foi recebido pelo zoólogo italiano, Paolo Enriques (1878-1932) que presidia ao Congresso. Um pouco antes do seu encerramento, em assembleia geral de Zoólogos internacionais foi unanimemente votado que o XII congresso se iria realizar em Lisboa. Motivos? Vários, para além da presença de Ricardo Jorge como garantia científica e de representante de uma possível mostra de diplomacia cultural⁽²³⁾, manifesta-se que Lisboa era a capital «dum país menos conhecido, situado num dos extremos da Europa, com um excelente

(23) Cf. Cláudia Ninhos, *Para que marte não afugente as Musas. A Política cultural alemã em Portugal e o intercâmbio académico (1933-1945)*, Tese de Doutoramento História – especialidade História Contemporânea, F.C.S.H. - U.N.L., 2016 (orientação de Fernando Rosas e Fernando Claro).

museu onde se sabia existirem valiosas colecções das colónias africanas e exemplares únicos, que só poderiam ser vistos num congresso [...]»⁽²⁴⁾.

Esta unanimidade de pontos de vista determinou uma troca de correspondência telegráfica entre o delegado português, Artur Ricardo Jorge, e o governo português, intermediado pelo ministro da Instrução Eusébio Tamagnini, que desde a primeira hora, evidenciou uma grande boa vontade política. Porém, as confirmações oficiais, mesmo por telegrama, demoravam a chegar a Pádua. E o Congresso tinha que fazer a sua sessão de encerramento. Registe-se, pois, a memória dos documentos:

E – caso único na história dos congressos – os trabalhos terminaram, tendo sido dados plenos poderes ao «comité» internacional permanente [...] para resolver a favor de Lisboa, caso recebesse o convite oficialmente feito pelo Governo português, com prejuízo de qualquer outro convite de outro Governo. A autorização não se fez esperar, e dias depois chegava às mãos do sr. prof. Artur Ricardo Jorge, que, ainda em Roma, a participou ao presidente do «comité» internacional. Ainda uma outra concessão da assembleia geral do Congresso de Pádua: a próxima reunião devia ser em 1933; a pedido do delegado português para a hipótese de vir a ser em Lisboa, resolveu-se que houvesse, então, um intervalo de cinco anos, para resolver dificuldades económicas. Por todos estes motivos, deve, pois, o nosso País sentir-se orgulhoso da escolha e honrado com a vinda a Portugal dos mais importantes cientistas mundiais⁽²⁵⁾.

De facto, 1935, foi um ano seguramente importante para Ricardo Jorge que surge como figura internacional de destaque num contexto marcado pelo carácter de excecionalidade do ano 1934⁽²⁶⁾: a proximidade dos X Anos de Revolução Nacional (1936); e ainda o espírito de comemoração de memórias de «afectos científicos» com a necessária construção de uma identidade⁽²⁷⁾, pela via da organização, já em marcha, do Centenário da

(24) AHMUL-MUHNAC.XII Congresso Internacional de Zoologia. Fundo Museu Bocage, cx. G, fl. 001 e 002

(25) AHMUL-MUHNAC.XII Congresso Internacional de Zoologia. Fundo Museu Bocage, cx. G, fl. 001 e 002. Cf. Ana Rita Saldanha, *Práticas, redes...*, cit., p. 38-40.

(26) Para o ano de 1934, o ano de laboratório de congressos e práticas científicas e culturais ver breve síntese em Maria de Fátima Nunes e Sandra Abelha, "Congressos, Ciência e Colónias – Portugal: 1920 – 1940", *Revista CEPHIS*, 4 (Set. 2014), p. 246-253.

(27) Usamos a expressão de «afectos científicos» no esteio motivador e incentivador pós a leitura de Fernando Catroga, *A Geografia dos Afectos Pátrios. As reformas político-administrativas (Sécs. XIX-XX)*, Edições Almedina, 2013.

criação da Escola Politécnica de Lisboa, 1837-1937. Formas de construir identidades científicas nacionais com projeção internacional...

Voltemos ao Congresso de 1935, e olhemos por breves instantes, para o programa de turismo cultural e científico, cuidadosamente preparado para todos os congressistas internacionais, nacionais, comité de acompanhantes, com cobertura jornalística nacional e internacional assegurada. A sessão de abertura, com honras de Estado, teve lugar na Sociedade de Geografia de Lisboa, evento social preparatório de um conjunto de saídas de «final de sessão de trabalhos», com a tipologia de excursões culturais, como uma viagem de barco pelo rio Tejo, a visita ao Convento e Biblioteca de Mafra, ao Castelo de Palmela, ao Mosteiro dos Jerónimos, ao Sanatório de Outão, ao Parque de Monserrate em Sintra, ao Palácio da Pena, ao Museu dos Coches, ao Mosteiro de Alcobaça e ao da Batalha, à Universidade de Coimbra, ao Mosteiro da Serra do Pilar, para além dos *Garden Parties* nos jardins do Ministério de Instrução Pública, no Campo de Sant'Ana, em Lisboa. No que tange à categoria de visitas científicas de História Natural / Coleções Zoológicas Ricardo Jorge regista que «Bien que le Musée Bocage soit fermé, à notre grande regret, par suite de grands travaux de réfection, quelques spécialistes ont pu observer certains matériaux qui les intéressent»⁽²⁸⁾. Porém, o maestro organizador soube criar outras alternativas para os congressistas: o Instituto Zoológico, o Aquário Vasco da Gama, o Museu dos Serviços Geológicos, o Jardim Botânico, o Jardim Zoológico, um programa de intenso turismo científico e cultural por Lisboa⁽²⁹⁾.

2. 1941 - Política para um Museu de História Natural...

Por ocasião da realização do I Congresso Nacional de História Natural – com Celestino da Costa⁽³⁰⁾ a presidir – Ricardo Jorge tira

(28) Cf. *XII Congrès [...] Extrait des Comptes Rendus [...]*, p. 181. Para um diário síntese da semana do congresso, com textos em francês em inglês e em alemão veja-se p. 120-221

(29) Para mais detalhe cf. Ana Rita Saldanha, *Práticas, redes...*, cit., em especial p. 36-42 e 61-71, páginas que nos introduzem no tema das caricaturas do Congresso, encomendadas por Artur Ricardo Jorge a caricaturistas: Professor Ressano Garcia, Quim e Teixeira Cabral. Muitas das caricaturas dos congressistas internacionais foram publicadas na imprensa da época, nacional e internacional; os originais encontram-se no AHMUL-MUHNAC: XII Congresso Internacional de Zoologia. Fundo Museu Bocage.

(30) Para a figura de Celestino da Costa, personalidade fulcral para um entendimento de políticas científicas em Portugal na década de trinta do século XX cf. A.J.S. Fitas *et al.*

partido de ser conferencista de abertura para publicamente fazer valer os seus créditos de conhecedor internacional do papel que os Museus de História Natural devem ter nas sociedades cultas, desenvolvidas e científicas. É pois na dinâmica de um Congresso Nacional, em 1941⁽³¹⁾, com modelo de funcionamento internacional que o Diretor do Museu Bocage apresenta um relatório intitulado *Museus de História Natural*, um manifesto em torno da necessidade de Portugal ter um Museu Nacional de História Natural ligado às Universidades assente num tripé de prática museográfica: ensino – investigação – divulgação cultural científica⁽³²⁾.

Seguindo a linha do discurso, primeiro oralizado, depois dotado com a retórica da escrita, deparamos com uma síntese que Artur Ricardo Jorge se encarrega de construir como narrativa científica para fazer prevalecer os seus pontos de vista acerca da importância estratégica para a investigação, para o ensino e para a polis urbana; para diálogos entre arte e ciência dos Museus de História Natural pelo mundo – Europa e Novo Mundo: América do Sul e do Norte. Os Museus de História Natural são apresentados como espaços de prática científica onde se procede à «ordenação das coleções científicas» e a partir daí servirem de Centros de vulgarização científica, de forma a explicar e a tornar as coleções públicas e úteis⁽³³⁾. O argumentativo é de timbre internacional, uma retórica de internacionalizar as coleções existentes em Portugal, nomeadamente no Museu Bocage e dar-lhes

(coord.), *A Junta de Educação Nacional e a Investigação Científica em Portugal no Período entre Guerras*, Lisboa, Ed. Caleidoscópio/CEHFCi, 2013; A.J.S. Fitas, et al. (coord.), *A Actividade da Junta de Educação Nacional*, Lisboa, Ed. Caleidoscópio/CEHFCi, 2012; M. F. Rollo, M. I. Queiroz, T. Brandão, e A. Salgueiro, *Ciência, Cultura e Língua em Portugal no século XX*, Ed. Instituto Camões e Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 2012; M. F. Rollo, M. I. Queiroz e T. Brandão, «Pensar e mandar fazer ciência. Princípios e pressupostos da criação da Junta de Educação Nacional na génese da política de organização científica do Estado Novo», *Ler História*, 61, (2011), p. 105-145.

(31) Cf. M. Margaret Lopes and M. Fátima Nunes, «Cruzando fronteiras: a construção de uma tradição para o I Congresso Nacional de Ciências Naturais, Lisboa, 1941», in A. Fitas et al. (coord.), *A Atividade da Junta...*, cit., p. 115-131. E ainda Maria Margaret Lopes, «Cooperação científica na América Latina no final do século XIX: Os intercâmbios dos museus de ciências naturais», *Interiência*, 25, nº 5 (2000), p. 228-233.

(32) Artur Ricardo Jorge, *Museus de História Natural, Relatório apresentado ao I Congresso Nacional de Ciências Naturais na sua VI Sessão Plenária, em 11 de Junho de 1941*, Lisboa, Oficinas Gráficas Casa Portuguesa, 1943.

(33) Artur Ricardo Jorge, *Museus de História Natural...*, cit., p. 6.

outro fôlego e outro dinamismo, em ligação de rede de conhecimentos com a comunidade científica internacional. Paradoxalmente, ou não (?), Portugal tinha acabado de comemorar o duplo centenário de 1940⁽³⁴⁾ mas também nestes centenários nacionais a história da atividade científica em Portugal, como um ponto de ligação estreita entre Portugal e a cultura científica europeia a partir do século XVIII, tinha estado presente, no VIII Congresso do Mundo Português que teve lugar na Universidade de Coimbra, sob a égide de Joaquim de Carvalho⁽³⁵⁾.

Em alocução de I Congresso Nacional das Ciências Naturais Artur Ricardo Jorge evidência o papel concreto dos Museus da Europa e da América, quer pelo conhecimento de leitura, quer mesmo por conhecimento real e de prática científica. A narrativa que consagra aos Museus americanos é sedutora e fascinante na forma como está escrita, o que nos transporta para um plano de realidade vivida:

Finalmente, não considerando como bastantes as visitas livres ou guiadas e prelecionadas, as palestras públicas, as sessões cinematográficas, e os passeios dirigidos, e entendendo que deve ir mais longe ainda a sua acção educativa, certos Museus Norte-americanos – cite-se por exemplo como modelar o Museu Field ou Museu de História Natural de Chicago –, criaram para os Museus de História Natural, além do «Museu Científico» e do «Museu Público», um terceiro Museu – o «Museu Ambulante» (*Travelling Museum*), constituído por coleções dos mais variados assuntos das Ciências Naturais puras e aplicadas, expostas à maneira de grupos biológicos (ou de pequenos dioramas, pois nem os efeitos da perspectiva são esquecidos), que passam de escola em escola, no Museu Field de Chicago, elevava-se, já há anos, acima de um milhar⁽³⁶⁾.

Um olhar sobre a realidade exterior a Portugal. Um olhar entusiasmado, afetivo e vivido sobre Museu de História Natural da América e da Europa para se centrar no *focus* de Portugal. Duas estratégias distintas, defender em tempo e em espaço de Congresso Científico, na Faculdade de Ciências

(34) Cf. D. Corkill and A. J. C. Pina, «Commemoration and Propaganda in Salazar's Portugal: The 'Mundo Português', Exposition of 1940», *Journal of Contemporary History*, 44, (3) (2009), p. 381-399.

(35) Quintino Lopes, *Portugal - 1940. A internacionalização dos cientistas do VIII Congresso do Mundo Português*, Tese de Mestrado em Estudos Históricos Europeus, Universidade de Évora, 2010 (orientadora Maria de Fátima Nunes)

(36) Artur Ricardo Jorge, *Museus de História Natural...*, cit., p. 21.

da Universidade de Lisboa, situada na época na Rua da Escola Politécnica, paredes meias com o complexo científico do Museu Bocage e do Jardim Botânico. Um dos eixos é claramente o objetivo da circulação e de trocas entre coleções, com memória histórica, entre as coleções de Portugal dos Museus de História Natural, as do Brasil e as da Argentina. Outro eixo, a crítica fontal ao facto de Portugal ter coleções no Porto, em Coimbra e em Lisboa – nas diferentes instituições universitárias, e não ter um Museu de História Natural Nacional de dimensão e de bitola internacional. Ríspido, afirma: – «Lisboa é mesmo a única Capital da Europa que o não [Museu de História Natural], instalado em edifício próprio e apropriado, com as suas diversas secções reunidas sob o mesmo tecto e sob uma direcção superior comum, de que não faltam, lá por fora, modalidade à escolha»⁽³⁷⁾.

Em nosso entender o grande objetivo é abordar a questão das coleções coloniais e a temática colonial relacionada com um Museu de História Natural. Uma ideia bizarra: criar, na última hora, e certamente mercê do ambiente das comemorações de 1940 um «Museu Colonial de História Natural», evidenciando que Portugal fica à margem das outras «grandes Potencias Coloniais do Mundo», prossegue na sua alocação cáustica⁽³⁸⁾. O Museu de História Natural pretende ser o elo de ligação científica, política, natural, administrativa e real entre os territórios da Metrópole e os das Colónias, com coleções que devem ser organizadas e estudadas, divulgadas, difundidas, «viajadas» de acordo com a internacionalização de taxinomias que caracterizam as Ciências Naturais não compartimentadas em secções de uma Junta de Investigação Colonial (1936) ou de uma (futura) Junta de Investigação do Ultramar (1952) e posteriormente Junta de Investigação Científica do Ultramar e partir de 1981 Instituto de Investigação Científica Tropical⁽³⁹⁾.

Artur Ricardo Jorge mostra-se pois contrário à fragmentação de Museus de História Natural por Museus temáticos de Colónias. Um disparate quando se compara com os demais países que têm poderosos impérios coloniais – França, Bélgica, Inglaterra, Holanda ... todos com Museus de História Natural em edifício próprio e digno nas capitais dos respetivos Estados. Evitar o «colonial» para os Museus de História

(37) Artur Ricardo Jorge, *Museus de História Natural...*, cit., p. 23.

(38) Artur Ricardo Jorge, *Museus de História Natural...*, cit., p. 25.

(39) Seguimos a genealogia de referência de «notice d'autorité collective» do Catalogue Général da BnF – “Junta de investigações científicas do Ultramar (Portugal) forme internationale - <http://catalogue.bnf.fr>.

Natural. Valorizam-se as coleções de diferentes proveniências, entre elas as dos territórios coloniais. A questão da dispersão das coleções e da sua consequente desvalorização científica é clara e determinada:

[...] que exigências podem ser as de um meio que, entre nós, até ignora a existência, no seu Museu Nacional de História Natural, do precioso espólio colonial, deixado pelos índices máximos da nossa exploração científica no Brasil-Colónia Portuguesa, em África, na Índia, em Timor, e a cujo estudo ficaram ligados, na parte zoológica, o nome imorredouro de Barboza do Bocage e os dos seus Ilustres colaboradores?⁽⁴⁰⁾

E esta constatação é feita a partir do périplo de imagens que nos apresenta em anexo no final desta sua extraordinária comunicação. Os Museus têm que estar dotados de naturalistas, de pessoal técnico, de material de laboratório, de fontes bibliográficas e de uma permanente convivialidade com os naturalistas estrangeiros. A prática científica dos Museus de História Natural tem que ser feita dentro do contexto da internacionalização da Ciência e não dentro de balões fechados de metrópole e de colónias. O papel das publicações científicas e dos Congressos é relevante, como instrumentos científicos para a internacionalização da História Natural, constituindo fatores de aproximação com o público, uma vertente a não descurar. Ricardo Jorge, na qualidade de Diretor do Museu Bocage, defende a ideia de um Museu [Nacional] de História Natural como um território científico para a Educação Nacional, para a Escola Primária, para os preparatórios de Medicina, para a Pedagogia Nacional, para o público em geral, para uma cultura científica alargada.

A mostra de imagens que acompanha esta alocução escrita permite-nos entrar no seu imaginário científico de naturalista em tempo de II Guerra Mundial. Cartografias alargadas e observações detalhadas de visitas realizadas permitem-lhe visionariamente apontar caminhos para a realidade museológica naturalista da Rua da Escola Politécnica em Lisboa. Galeria de fotografias em anexo, ou o mapeamento dos bons exemplos conhecidos, estudados, interiorizados e apontados. O périplo real e mental de um Naturalista do Museu Bocage, de Lisboa, que nos é apresentado como uma galeria de fotografias⁽⁴¹⁾.

(40) Artur Ricardo Jorge, *Museus de História Natural...*, cit., p. 26.

(41) Data de alocução 1941. Data de edição 1943.

Uma visão cultural e mental da Europa e do Mundo que Artur Ricardo Jorge enquadrrou e comparou com a internacionalização científica dos Museus de História Natural. Parâmetros geográficos e coordenadas de prática científica de naturalistas e o papel educativo e nacional que Museus de História Natural podem ter na sociedade e que nos permite obter a seguinte arrumação de visitas e de conhecimento adquirido no quadro institucional de Portugal entre guerras.

Europa - Cidade -	Nome da Instituição	obsr.
Londres	Museu Britânico de História Natural	foto edifício
Viena	Museu de História Natural	foto edifício
Praga	Museu Nacional	foto edifício
Francfort	Museu de História Natural	foto edifício
Budapeste	Museu Nacional / Museu História Natural 2º andar	foto edifício
S. Paulo	Museu de História Natural	foto edifício
Hamburgo	Museu de História Natural	foto edifício
Milão	Museu de História Natural	foto edifício
Génova	Museu de História Natural	foto edifício
Bruxelas	Real Museu de História Natural da Bélgica	foto edifício
Tervueren	Museu do Congo Belga	foto edifício
La Plata [Argentina]	Museu	foto edifício
Chicago	Museu de História Natural	foto edifício
Genebra	Museu Regional de História Natural	Diorama Pré Alpes Saboia
Genebra	Museu Regional de História Natural	Diorama floresta Jura
Genebra	Museu Regional de História Natural	Diorama monte Salève
Genebra	Museu Regional de História Natural	Diorama delta rio Danse
Nova Iorque	Museu Americano de História Natural	Diorama mamíferos africanos in habitat caçada
Nova Iorque	Museu Americano de História Natural	Grupo dioramico de Pinípedes Oceano Pacífico
Chicago	Museu de História Natural	Estudantes ouvindo preleção
Chicago	Museu de História Natural	Estudantes vendo exposição plantas região
Chicago	Museu de História Natural	Teatro do Museu
Chicago	Museu de História Natural	Caixas portáteis - Museu Ambulante

Quadro 2. – Visitas de Artur Ricardo Jorge a Museus de História Natural estrangeiros. Fonte: Sep. *Arquivos do Museu Bocage*, XX (1941).

Em jeito de síntese recordamos o brado inicial da alocução ao I Congresso Nacional de História Natural: «Faltam investigadores! Faltam investigadores Naturalistas para as coleções de Portugal metropolitano e colonial...»⁽⁴²⁾. No conjunto é um texto crítico perante a política de Portugal face ao papel nacional, educativo e de investigação que os Museus de História Natural devem ter na sociedade dos diferentes Estados. E Portugal tem coleções dispersas, e sem ligação, nas três Universidades criadas pela República, em 1911: Lisboa, Porto e Coimbra⁽⁴³⁾. Depreende-se das palavras de Artur Ricardo Jorge que urgia criar uma rede de conhecimento, de investigação, de divulgação das coleções – da Metrópole e das Colónias – depositadas nas Universidades de Coimbra, do Porto e de Lisboa, sob o mote aglutinador de Museu de História Natural, aberto ao público e à prática de investigação e de ensino.

3. 1953 – A prudência de uma Oração de Sapiência na Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa

Na abertura solene do ano letivo de 1952-1953 o Professor Artur Ricardo Jorge foi apontado para proferir a Oração de Sapiência. Escolhe o tema «A dupla missão – científica e cultural – dos Museus de História Natural, à luz da Biologia e da Museologia modernas»⁽⁴⁴⁾. Retoma a mesma linha, e os mesmos itens de referência, da alocução de 1941. Texto matricial, como vimos, de um pensamento global para o(s) Museu(s) de História Natural em Portugal, em conexão com as Universidades existentes!

Em 1952 a Guerra havia terminado. Mas a matriz museológica de Artur Ricardo Jorge não se alterou, sobretudo no que diz respeito à tutela sobre as coleções naturais provenientes dos territórios ultramarinos, agora que perderam a etiqueta de *colonial*. Mantém a tónica da situação de diagnóstico de 1941. O mundo mudou e a situação de um Museu de

(42) Artur Ricardo Jorge, *Museus de História Natural...*, cit., p. 32.

(43) Cf. Ângela Sofia Garcia Salgueiro, *Ciência e Universidade na I República*, Tese de Doutoramento em História – especialidade História Contemporânea, FCSH – UNL, 2015 (orientadora Maria Fernanda Rollo).

(44) Arthur Ricardo Jorge, *A dupla missão – científica e cultural – dos Museus de História Natural, à luz da Biologia e da Museologia modernas. Oração de Sapiência, proferida na abertura solene da Universidade Clássica de Lisboa, em 16 de Outubro de 1952, Lisboa, Oficina Gráfica Casa Portuguesa, 1953 [Separata dos Arquivos do Museu Bocage, XXIII (1952)]*.

História Natural em Portugal continuou na mesma, ou seja alocado ao complexo de coleções e de espaços do Museu Bocage de que ele era ainda diretor. Mantém a mesma retórica da internacionalização, recorda que conhece Museus de História Natural exteriores à realidade portuguesa. Relembra as suas missões, especificamente a que frequentou enquanto assistente nos cursos de laboratório de naturalistas das Universidades estrangeiras primeiro na Suíça, Genebra, depois na Alemanha, Munique, o que permitiu converter um jovem formado pela Escola Médico Cirúrgica de Lisboa num Naturalista de reconhecida reputação internacional. E vem a pergunta necessária, em jeito de diálogo pedagógico e cortês: o que seria necessário introduzir no país para Portugal também ser assim?

Revive o texto lido perante Celestino da Costa, em 1941, e reafirma a necessidade de reformar e introduzir melhoramentos, de institucionalizar a prática científica da Museologia de História Natural em Portugal. Mas em 1952, como Catedrático e como protagonista da abertura solene do ano académico opta por uma tonalidade discursiva que não levante polémicas nem críticas mordazes. Retoma a história/memória de gabinetes e de museus de história natural e de coleções científicas, indo ao encontro dos objetivos de usar os Museus como instrumentos para interagir com o público e a cultura científica. O exemplo apontado, o dos Estados Unidos, quer pela realização de filmes e quer pelos ciclos de «cinemotecas»

com filmes de assuntos expressamente escolhidos e por vezes mesmos expressamente executados, destinados a, distraindo, conseguir-se, da forma mais atraente, uma acção educativa em todas as categorias da população [...] Os Museus Norte-americanos organizam, ainda, sob a direcção dos seus Naturalistas. Ou antes de preletores pertencentes a um quadro especial, passeios orientados em harmonia com os assuntos estudados pelas crianças nas escolas⁽⁴⁵⁾.

Ricardo Jorge volta a lembrar a perfeita articulação que deve existir entre o Museu científico, o público, e um Museu ambulante. E em 1952 as coleções extraeuropeias são também valorizadas e enquadradas dentro do regime, propondo-se que

(45) Arthur Ricardo Jorge, *A dupla missão – científica e cultural – dos Museus de História Natural, à luz da Biologia e da Museologia modernas. Oração de Sapiência, proferida na abertura solene da Universidade Clássica de Lisboa, em 16 de Outubro de 1952*, Lisboa, Oficina Gráfica Casa Portuguesa, 1953, p. 12.

A constituição destas missões [explorações tanto metropolitanas como ultramarinas] e a execução do seu programa científico competem preferentemente aos Museus e às Universidades, e quando existe um «Museu Nacional de História Natural» – destinado, como é sempre, à ostentação das riquezas naturais da Metrópole e dos territórios ultramarinos, considerados como parte integrante do território nacional – a ele cabe a primazia do encargo científico e da centralização das colecções obtidas⁽⁴⁶⁾.

Um discurso, em 1952, para ser ouvido e captado pelo Presidente da República (Craveiro Lopes), pelo Ministro da Educação Nacional (Pires de Lima), para «que logrem os meus olhos ainda ver começar a construção do edifício de Ciências de Lisboa possa instalar privativamente e com as disponibilidades necessárias, o Museu Nacional de História Natural – que seja, a um tempo, monumento e índice do grau cultural, da extensão imperial e da grandeza espiritual do Povo Português»⁽⁴⁷⁾.

Fim de uma alocação académica que comportava uma clara visão de futuro. Os planos para a Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa só viriam a concretizar-se em Democracia após o incêndio de 1978 no velho espaço do complexo científico da Rua da Escola Politécnica. Basta uma viagem cibernética pelas páginas de web para entendermos que talvez o espírito de Artur Ricardo Jorge ecoe pelo complexo científico e pedagógico da Escola Politécnica, que fora anteriormente Colégio dos Nobres, precedentemente ao Noviciado da Cotovia, ou seja o Colégio dos Jesuítas no cume do Monte Olivete, estrutura edificada que não foi destruída pelo terramoto de 1755⁽⁴⁸⁾...!

Breve epílogo

O mote para este estudo foi realizar a arqueologia das palavras e das coisas a partir da herança científica de José Sebastião da Silva Dias e capitalizar o resultado dessa operação conceptual de fazer história num território de cultura científica e de espaço público da

(46) Arthur Ricardo Jorge, *A dupla missão...*, cit., p. 14.

(47) Arthur Ricardo Jorge, *A dupla missão...*, cit., p. 22.

(48) Ver <http://www.museus.ulisboa.pt/>; nova página, operacional a partir de 2015 - <http://www.museus.ulisboa.pt/pt-pt/novo-site-museus-ulisboa>; Uma vista de Museu Viajante: <http://www.museus.ulisboa.pt/pt-pt/visita-virtual>

contemporaneidade. Como instrumentos de trabalho utilizámos a interação que um corpo específico da sociedade portuguesa do século XX conseguiu ter na construção e na troca de conhecimentos nas redes internacionais, com especial destaque para as práticas científicas (os Congressos), para o papel de enquadramento das instituições (Museu Bocage vs. Museu de História Natural) e para o papel de mediação dos naturalistas: Artur Ricardo Jorge.

Neste périplo percebemos as permanências e as inovações da sociedade portuguesa no século XX, ao longo das suas diferentes configurações de Estado e a aplicação de políticas científicas e culturais. Revisitámos a nova geração de historiadores que se afirma com as suas teses de Mestrado e de Doutoramento, avançando com agendas inovadoras que procuram romper com um *mainstream* e têm como denominador comum analisar *focus* de uma investigação histórica centrada em arquivos, em bibliotecas, em coleções científicas portuguesas pelo diapasão de um horizonte internacional, sobretudo europeu, de forma a entender os possíveis pontos de encontro e de desencontro entre Portugal e a cultura europeia, mundial.

E, quase num passe de magia, percebemos que enquanto Silva Dias fazia dar à estampa na revista *Biblos*, da Universidade de Coimbra, em 1953, o seu texto de abertura para o mundo do entendimento da cultura em Portugal desde a projeção das Descobertas Quinhentistas, Artur Ricardo Jorge, em 1952 faz publicar nos *Arquivos do Museu Bocage*, na Universidade de Lisboa, a sua alocução sobre a necessidade de modernização dos Museus de História Natural.

Personalidades que talvez se não tenham cruzado, mas espíritos de cultura e conhecimento que tinham um consciente do possível – no sentido de *Lucien Goldmann* – que sabiam desafiar, e também criticar no seu tempo de pensadores empenhados, utilizando os canais possíveis (e disponíveis) para lançar pequenas sementes de novas epistemologias, de novas ideias, que um dia mais tarde desabrocharam com outras configurações, em outros contextos, com outros atores.

Mas... fizeram da *História do Futuro*, do visionário Padre António Vieira, a história do nosso presente de cidadãos e de historiadores do século XXI.